

## ● CARTAS

**Esgoto da Santos Dumont**

Olá! Hei! Olha nós aqui...  
Bom dia Prefeitura!

Os moradores da Rua Santos Dumont continuam com a memória muito boa e, como já estamos chegando perto da metade do ano, estamos ficando preocupados com a promessa de que no orçamento de 2006 estaria incluída a ampliação e, após, o fechamento da nossa sanga preta...aquela onde são depositados os esgotos (urina e fecal), bichos mortos e lixo que moradores mais distantes depositam aqui em frente de nossas casas. O cheiro está insuportável, o risco de doenças causadas pelo lixo e os ratos estão lado a lado de nossas crianças e dos moradores em geral. E ainda assim já foram pagos quase 100% dos IPTUs das três quadras que fazem frente para a sanga.

Agora estamos aflitos, descontentes e desesperançosos, nos perguntando: para que pagar IPTU? Para ter um esgoto a céu aberto em frente da casa e as lâmpadas de iluminação pública queimadas...?

**Família Kwiatkowski, família Naz, família Gründhewser e família Silva**

**Dose pra mamute – I**

Mamutes são aqueles animais extintos, do gênero elefante, cujos fósseis são encontrados na Sibéria. Assim que, às vésperas das eleições, é bom, pelo menos, lembrar alguns deles (e são muitos)...o “mamute” das CPI’s no Congresso Nacional, suas nove absolvições, quatro renúncias, três cassações, três na expectativa da votação, a deputada dançarina, suas aposentadorias...a fala presidencial enfatizando que a classe operária nunca esteve tão bem quanto neste 1º de maio, bem como o ganho (!?) dos aposentados e pensionistas nos seus 5%... os disparates e deboches na remuneração dos deputados no Congresso Nacional para suas quilômetros percorridas e demais mordomias do gabinete...os candidatos em cima do muro gritando que não são candidatos, mas soldados do partido e, todavia, em plena campanha eleitoral...a novela da Varig, que se arrasta há bem mais de um ano. Esta merecerá um capítulo especial meu.

**Lucwal J. Schiedeck/Aposentado**  
lschiedeck@viavale.com.br

**Artigos e cartas para este espaço devem conter nome completo, profissão e endereço do autor, além de telefone para contato (se possível). O envio pode ser feito por fax (3715 7944) ou pela internet (angela@gazetadosul.com.br). O simples envio não garante a publicação. Contatos com Angela Rocha (3715 7949).**

**Gazeta do Sul**

Propriedade da GAZETA DO SUL S.A.  
Fundada em 26/01/1945 CNPJ 95.424.834/0001-30

André Luís Jungblut  
**Diretor Presidente**

Romeu Inacio Neumann  
**Diretor Secretário**

Paulo Roberto Treib  
**Diretor Industrial**

Raul José Dreyer  
**Diretor Comercial**

Jones Alei da Silva  
**Diretor Administrativo**

Maria Rosilane Zoch Romero  
**Chefe de Redação**

**Administração, redação, publicidade e oficinas:**  
Rua Ramiro Barcelos, 1.206.  
Caixa Postal 118 CEP 96.810-900  
Fone: 3715-7800  
Fax: 3715-7863  
Fax/Redação: 3715 7944  
www.gazetadosul.com.br  
e-mail: direcao@gazetadosul.com.br

redacao@gazetadosul.com.br  
publicidade@gazetadosul.com.br  
assinaturas@gazetadosul.com.br

**Porto Alegre:** Grupo de Diários,  
Rua Garibaldi 659, sala 102, Bairro Floresta  
CEP 90035050 Fone/Fax: 3221 3290  
e-mail: diarios@grupodediarios.com.br  
Site: www.grupodediarios.com.br

**Vera Cruz:** Rua Martim Francisco, 72  
Fone 3718-1312  
**Candelária:** Rua Botucaraí, 509  
Fone 3743-3662

**Venâncio Aires:** Júlio de Castilhos, 785  
Fone 3741-2263

**Rio Pardo:** Rua Andrade Neves, 918  
Fone 3731-1518

Gazeta do Sul não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados e não devolve originais, publicados ou não.

**Circo Brasil**

**Antonio Brás Constante/Escritor**  
abrasc@terra.com.br



**B**em-vindos ao circo Brasil, um lugar onde a platéia sofre os dissabores e as dores, se esvaindo em sacrifícios para que as estrelas eleitas ao palco usufruam das maravilhas do espetáculo.

Ao povo que a tudo assiste vestido de palhaço não são fornecidas cadeiras. Ao contrário, lhe mandam andar na corda bamba e efetuar verdadeiros malabarismos para continuar sobrevivendo. Este circo não é para crianças, que se vêm abandonadas, prostituídas, deixadas em filas de hospitais sem atendimento, cheias de dor e sofrimento, prontas para morrer. Largadas nos campos para serviço escravo ou nas ruas pedindo esmolas. No circo Brasil, as crianças não têm vez ou voto, nem sequer têm direito de irem à escola.

Neste circo ao invés de lonas se armam conchas. Vivemos enjaulados dos animais selvagens que andam livres graças a uma justiça falida, que liberta estupradores, assassinos, pedófilos, seqüestradores e traficantes, deixando-os soltos para andarem ao nosso redor, prontos para roubar o pouco que temos, livres para matar e agredir, enquanto por trás de grossas grades sofremos.

Um circo cujo elenco é formado por senadores, governadores, juizes, desembargadores, prefeitos, vereadores, ministros e deputados, entre tantos

outros que têm nas mãos sua parcela de culpa por deixarem um fardo de insegurança, desemprego e doença a uma população onde muitos trabalham feito escravos.

Inescrupulosos seres políticos, que em muitos lugares oferecem futebol, carnaval e cachaça, ou quem sabe até mesmo festas baratas (a um custo extremamente caro), para

um povo que necessita é de emprego, moradia, e melhores condições para viver e poder ganhar o seu pão de cada dia.

Somos a atração que move o espetáculo, enquanto no picadeiro político hábeis ilusionistas nos enganam, fazendo-nos ter esperanças em suas mentiras com aroma de hortelã. Que são vomitadas em cada nova eleição sobre nosso semblante sofrido, de mãos calçadas, em uma terra por eles amaldiçoada, porém em nossos corações ainda amada. Na qual vivemos sobre o pesado jugo de suas imensas mesquinhas.

Um show de horrores sem fim. Onde pagamos para entrar e rezamos para poder sair. São diversas tendas prontas para o pobre povo iludir. Cada uma com uma sigla. Partido disto ou daquilo ali. “Podem confiar”, é o que dizem. “Estamos aqui para lhes servir”. O ingresso custa um voto. É só depositar e conferir. Entrem e alimentem todas as feras que devoram este País.

**Conviver com os diferentes**

**Roque Hammes/Padre na comunidade São José e mestre em Desenvolvimento Regional**

**C**omeçou, no dia 26 de abril, no Colégio Marista São Luís, um curso sobre O direito de ser diferente em meio à sociedade globalizada. Na sessão de abertura, a diretora do colégio destacou a importância do tema para aprendermos a viver com os diferentes na sala de aula, nas comunidades, na família e na sociedade. Ressaltou a importância de cultivarmos o nosso jeito diferente de ser, “com o intuito de firmarmos a nossa identidade”. O poema *A alma dos diferentes*, de Artur da Távola, foi usado pela coordenação do curso para introduzir o assunto. No poema, o autor alude para as várias modalidades de diferenças, desde as físicas até as intelectuais, passando pelas culturais, psíquicas e religiosas. De forma irônica, ele cita como diferentes os excessivamente inteligentes, os narrigados, barrigudos, joelhudos, de pé grande, roupas erradas, engordados, paralíticos, bons demais, etc. Arremata com a afirmação de que “a estrela dos diferentes tem moradas deslumbrantes que eles guardam para os pouco capazes de os sentir e entender”.

A nossa sociedade, no andar dos anos, edificou estereótipos e criou moldes para enquadrar as pessoas. A criatividade foi cerceada, sendo que aqueles que não quiserem ou não puderem “se amoldar” são marginalizados. Criaram-se estereótipos para a beleza da mulher e para o tipo físico do homem. Elaboraram-se manuais de boas maneiras e etiquetas para ensinar as pessoas a se comportarem na mesa e em eventos sociais. Idealizou-se uma constituição familiar que marginaliza aqueles que tiveram a desgraça de terem sido gerados numa aventura amorosa de um pai irresponsável. Convencionou-se fazer combinar certos tipos de roupas e dizer que outros trajes não combinam. Universalizaram-se normas, costumes e práticas religiosas taxando de retrógrados costumes de outras civilizações. E, por último, no embalo dos moralistas

e juristas generalizaram-se as expressões: “isto pode” e “aquilo não pode”. Quem não se enquadra é visto como marginal.

O “diferente” sempre meteu medo nas pessoas. Lembro que no lugar onde me criei e onde a população era majoritariamente de pele branca, a forma de os pais inibirem os filhos para não se afastarem de casa era ameaçá-los com a vinda de um negro ou de um mendigo. Ainda hoje, vejo muitos pais ameaçando os filhos com a chegada da “bruxa”. A ditadura militar teve aceitação na América Latina por causa da ameaça do comunismo que “tiraria os filhos dos pais e a terra dos proprietários”. A intervenção militar dos EUA no Afeganistão e no Iraque foi justificada pela presença de “subversivos” que colocavam em risco o estilo consumista do Ocidente. As igrejas históricas, capitaneadas pela Igreja Católica, reagiram à vinda dos pentecostais por causa da prática anti-estrutural destes grupos. Mais remotamente, Jesus Cristo foi condenado à morte na cruz porque ousou questionar a centralidade do templo de Jerusalém, e Galileu foi condenado pela inquisição porque insistiu em afirmar que a terra girava em torno do sol e não o sol em torno da terra.

Reconhecemos que muitas diferenças são aceitas pela sociedade atual. No entanto, continuamos a marginalizar grupos e pessoas que têm atitudes diferentes das nossas. O desafio que se coloca é duplo: de um lado, aprender a conviver com os diferentes e, de outro, não termos medo em ser diferentes. Queremos uma sociedade igualitária, mas não uma sociedade uniforme. O curso que acontece no Colégio São Luís, nas quartas-feiras de noite, poderá nos ajudar a conseguir uma sociedade onde, de acordo com Boaventura de Souza Santos, teremos “o direito de ser iguais quando a diferença nos descarta e sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza”.